

O ensino de geografia no ensino médio: uma experiência na abordagem sociointeracionista

Alan de Araujo Botelho¹

Resumo:

Este artigo apresenta o resultado de observações e análises feitas por um graduando em geografia durante sua experiência de estágio remunerado, em uma instituição de ensino privada que trabalha utilizando a abordagem sociointeracionista como princípio norteador de sua estrutura pedagógica. A participação ativa do estudante será utilizada na realização deste trabalho e serão aqui registradas suas principais percepções ao participar de aulas de geografia no ensino médio, acompanhado de profissionais mais experientes que trabalham na instituição analisada. Portanto, não se trata de um trabalho que busca definir ou estabelecer metodologias educacionais didáticas, mas sim, captar e registrar as impressões de um estudante em início de jornada profissional, confrontando-as com a realidade do ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Sociointeracionismo.

1 Introdução

Este artigo é fruto de uma experiência vivida por um estudante do curso de licenciatura em Geografia, em uma instituição de ensino que possui como essência de sua proposta pedagógica a abordagem sociointeracionista.

Aproveitando a oportunidade de estágio remunerado na instituição em que exerce o cargo de professor assistente (que consiste basicamente em acompanhar e auxiliar os professores regentes da instituição), foram obtidas algumas das impressões contidas neste artigo referentes a um primeiro contato com a realidade escolar.

¹ Aluno do curso de Geografia, 6º semestre, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB; aluno do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB. alangeografiadf@gmail.com

As similaridades existentes entre a função de professor assistente e a de estudante em estágio supervisionado, juntamente com as percepções que essas experiências podem proporcionar ao acadêmico, foram as motivações que levaram à elaboração deste artigo.

Portanto, este artigo pretende contribuir com o importante debate relativo às questões que envolvem o ensino de geografia, suas possibilidades e desafios, em busca de uma realização plena do papel que lhe pertence na formação do indivíduo consciente e cidadão.

Agradeço ao Colégio Sênior e a toda sua equipe pedagógica pela possibilidade de realização da experiência que resultou neste artigo, e ao professor Cláudio Tadeu Cardoso Fernandes, do curso de Geografia, por sua atenção durante o processo de orientação.

2 Abordagem sociointeracionista

A proposta pedagógica da instituição de ensino que foi palco das observações e análises contidas neste artigo fundamenta-se nas idéias do psicólogo e teórico do desenvolvimento humano Vigotsky. Tais idéias são conhecidas como abordagem sociointeracionista, sociocultural ou sócio-histórica. Algumas das bases de suas teorias serão abordadas brevemente, com o intuito de auxiliar o leitor no processo de familiarização e compreensão de algumas situações e práticas no ambiente escolar estudado.

No pensamento de Vigotsky, podemos perceber a importância dada às relações que o homem exerce e absorve de seu meio, pois os aparatos biológicos e instintivos não são os únicos responsáveis pela possibilidade de desenvolvimento humano. Para esse autor, o processo de aprendizagem acontece dentro desse conjunto de relações entre os indivíduos, ou seja, a partir do instante em que interagimos em sociedade, estamos nos desenvolvendo mentalmente, portanto, as formas com que são feitas essas interações são fundamentais para determinar como se estabelece o nosso processo de aprendizagem.

Para Rabello e Passos (2008), a questão central de Vigotsky é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico,

o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio.

A interação social, tão presente no pensamento de Vigotsky (2000), requer, portanto, uma atitude ativa no caso em que estamos analisando – o do aluno – atitude que deve ser estimulada pelo professor. Cabe ao professor abandonar concepções pedagógicas que não permitem ao educando obter autonomia no processo educacional, mas que estão centradas na transmissão de conteúdos de forma pré-estabelecida, muitas vezes privada de utilidade prática, dificultando o processo de desenvolvimento educacional e apreensão da realidade do aluno. Um ambiente escolar ideal se torna fundamental, pois possibilitará as ferramentas necessárias ao aluno para se desenvolver. O ambiente escolar deve proporcionar condições favoráveis à interação, dando a todos os indivíduos que dele fazem parte a possibilidade de um contato construtivo.

A possibilidade de um contato direto com o que se quer aprender e um ambiente propício ao desenvolvimento são fundamentais. Inserem-se nesse contexto principalmente as pessoas que habitam e fazem parte desse meio. Vigotsky (2000) divide em dois os níveis de desenvolvimento que se podem alcançar num meio propício. O primeiro é o desenvolvimento real, que é o já adquirido e completo, ou seja, aquele que o indivíduo já traz consigo; o segundo é o desenvolvimento potencial, que é a capacidade de aprender auxiliado por outra pessoa.

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKY, 2000, p. 112).

A distância existente entre esses dois níveis é chamada de zona de desenvolvimento proximal, contudo, cabe ao professor, interferindo nesse processo, o papel de identificar esses dois níveis, auxiliando o indivíduo a desenvolver suas capacidades ideais de aprendizagem, diferenciando as situações informais em que a criança aprende e se desenvolve por imersão em um ambiente histórico-cultural.

Segundo Vigotsky (2001), “Instrumentos culturais especiais, como a escrita e a aritmética, expandem enormemente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável do presente e passível de aperfeiçoamento no futuro”.

O papel do professor durante as aulas de Geografia será abordado neste artigo, com suas variáveis didáticas, com as experiências efetuadas no cotidiano de sala de aula e com os resultados obtidos.

Segundo Davis e Oliveira (1994, p. 54), o

papel da educação e, conseqüentemente, o da aprendizagem, ganham destaque na teoria de desenvolvimento de Vigotsky, que também mostra que a qualidade das trocas que se dão no plano verbal entre professor e alunos irá influenciar decisivamente na forma como as crianças tornam mais complexo o seu pensamento e processam novas informações.

Para que possamos entender o pensamento de Vigotsky, é necessário dar importância ao pensamento aliado à linguagem, que acaba sendo a base para a compreensão da origem da consciência humana, pois as palavras são um instrumento fundamental nessa contínua construção e desenvolvimento da mente humana.

Segundo Vigotsky (1987), “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural”. Portanto, em se tratando das relações em sociedade, segundo o teórico, existem de fato, graças a esse instrumento chamado linguagem (tanto verbal quanto escrita ou gestual), influências diretas no desenvolvimento psicológico humano, sendo também uma forma de mediação e transmissão do conhecimento entre os indivíduos. Vigotsky (2001) acredita que a linguagem nos torna humanos e auxilia-nos a compreender nossa história e cultura.

Segundo Rabello e Passos (2008), “A linguagem é, antes de tudo, social e sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão”. Essa função comunicativa está estreitamente combinada com o pensamento.

Essa linguagem é adquirida pela criança por meio da imitação; dessa forma, apropria-se do significante e o significado é internalizado pela repetição, obviamente tendo como objetivo possibilitar a comunicação, que permite aos indivíduos interagirem socialmente; além disso, ela organiza as formas de pensamento e as mensagens a serem transmitidas, possibilitando ao indivíduo adquirir a capacida-

de de ter um pensamento lógico. Essa lógica contida na mensagem, e que se reflete também nos pensamentos, é obtida por meio da linguagem. Podemos então fazer uma associação entre a cultura influenciando a linguagem e, como consequência, o pensamento lógico do indivíduo que, por sua vez, influencia o seu meio.

Segundo Davis e Oliveira (1994), a “palavra generaliza as características percebidas e as relaciona em determinadas categorias. Daí a importância da linguagem para o pensamento: ela sintetiza a experiência direta da criança e serve para orientar o seu comportamento”.

A capacidade de internalizar um aprendizado envolve uma atividade externa que precisa sofrer uma modificação para, a partir daí, ser tomada como interna pelo indivíduo que se apropria do social de uma forma particular, fazendo-o capaz de posicionar-se diante de uma situação. Os processos mentais analisados por Vigotsky (1987) dão ênfase a questões como motivação, impulso, necessidade, afeto e emoção que dão origem aos processos de pensamento, memória, percepção e atenção. Vigotsky fez críticas a teorias psicológicas que não levavam em consideração esses fatores:

Como constantes, essas relações podiam ser, e eram, reduzidas a um fator comum e ignoradas no estudo das funções isoladas. Uma vez que essas relações continuavam a não ter importância, considerava-se o desenvolvimento autônomo das funções isoladas [...]. Essa mudança de abordagem torna-se imperativa para o estudo produtivo da linguagem e do pensamento. (VIGOTSKY, 1987, p. 2).

Segundo Davis e Oliveira (1994),

ao internalizar instruções, modificam-se as funções psicológicas: percepção, atenção, memória, capacidade para solucionar problemas. É dessa maneira que formas socialmente organizadas de operar com informação influenciam o conhecimento individual, a consciência de si e do mundo.

Portanto, há a necessidade de envolver o aluno em um processo de aprendizagem que leve em consideração todos esses fatores. Na Geografia isso se torna fundamental, uma vez que, em muitos casos, cabe a essa disciplina, juntamente com as outras da área de humanidades, a observação de fatos contemporâneos

que podem e devem ser analisados, não apenas na forma de dados e resultados descontextualizados, mas sim como situações geradoras de conhecimento útil, a fim de que esse processo de apreensão do conhecimento seja feito de forma ativa e com o aluno realmente envolvido como sujeito, transmissor e transformador do conhecimento.

Para Becker (2003, p. 243), “é a ação do sujeito que constitui o novo. Por isso é que devemos nos indignar e criticar todas as formas de passividade do sujeito, por serem antinaturais, anti-humanas (e por isso, antissociais)”. O processo de desenvolvimento do sujeito é proporcionado pela apropriação ativa do conhecimento disponível na sociedade; com isso, o indivíduo integra em sua maneira de pensar o conhecimento de sua cultura o que possibilita uma posição de contínua possibilidade de novas aprendizagens.

Segundo Vigotsky (2001), “a aprendizagem escolar orienta e estimula processos internos de desenvolvimento. O processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial”. Portanto, é importante salientar que as informações contidas neste artigo estarão ligadas às questões relacionadas à teoria sociointeracionista de Vigotsky, buscando-se verificar suas implicações didáticas no ensino de Geografia, nível médio, tomando-se como base o trabalho desenvolvido na instituição de ensino que foi palco das observações e análises contidas neste artigo.

3 Os conteúdos de Geografia no ensino médio

3.1 A Geografia nos Parâmetros Curriculares Nacionais

A Geografia, no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é a área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. No ensino médio, as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares, em síntese, fornecem informações ao professor no sentido de possibilitar melhores formas de se oferecerem oportunidades ao aluno de construir competências que lhe permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade.

Para se construir o conhecimento geográfico em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais pressupõem a escolha de um corpo conceitual e metodológico capaz de satisfazer objetivos, possibilitando ao estudante a capacidade de compreender a importância que tem a Geografia como ciência capaz de pensar o espaço como um todo, passando por questões globais que reverberam de diferentes formas pelo mundo como também pelas relações cotidianas tão presentes na rotina do indivíduo. Assim,

Ler os fenômenos geográficos em diferentes escalas permite ao aluno uma leitura mais clara do seu cotidiano. Dessa maneira, ele entenderá a realidade, poderá comparar vários lugares e notar as semelhanças e diferenças que há entre eles. (BRASIL, 2006, p. 51).

Para isso, iremos abordar a Geografia no ensino médio, usando conceitos-chave como instrumentos para se construir um saber interdisciplinar em busca de uma maior interação com as demais disciplinas, sabendo que esses conceitos não possuem limites particulares e podem ser trabalhados de forma articulada, a critério do professor. Serão descritas algumas dessas noções e conceitos para facilitar a compreensão dos pontos-chaves presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais e suas articulações com a maneira como a Geografia é trabalhada na instituição de ensino observada no presente artigo.

A questão do espaço-tempo é caracterizada como responsável pelas dimensões materiais da vida humana, condicionando, com o passar do tempo, as formas de apropriação dos territórios.

A sociedade é conceituada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como definidora do espaço geográfico em suas variáveis: espaço, região, lugar, território. Logo, a sociedade redimensiona a forma dos fenômenos naturais o espaço e o tempo. Assim,

consideradas as relações permeadas pelo poder, a sociedade se apropria dos territórios (ou de espaços específicos) e define as organizações do espaço geográfico em suas diferentes manifestações: território, região, lugar etc. (BRASIL, 2006, p. 53).

A paisagem é descrita como sendo uma unidade visível, espacial. A paisagem para os Parâmetros Curriculares Nacionais tem um caráter social através do

trabalho, cultura e emoção dos indivíduos, que reconhecem na aparência das formas visíveis e concretas do espaço em que estamos inseridos, os processos históricos que perpassam nossa história. Essa paisagem é percebida de maneira formal pelo senso comum, sendo esse um produto da percepção, dando base à compreensão e aplicação no cotidiano dos conceitos básicos da Geografia.

A partir daí, podemos começar a perceber a maior ou menor complexidade da vida social, compreendendo a essência dos fenômenos geográficos.

O conceito de lugar dá uma dimensão mais prática do espaço em que vivemos, construindo uma identidade e uma sensação de pertencimento a determinado território. Nesse conceito, temos a construção da cidadania, que é também o conceito no qual se baseiam as relações de consenso e conflito, a base da tríade cidadão-identidade-lugar.

A questão da territorialidade ou território é tratada como um espaço definido e delimitado a partir das relações de poder – dominador e o dominado – e de quem influencia uma determinada área. Aplica-se a divisão social em todo território existente, seja um pequeno quarteirão ou uma aldeia indígena, observando as relações de poder, domínio e apropriação que nele se instalam.

A territorialidade é a relação que se estabelece historicamente entre os agentes sociais, políticos e econômicos, interferindo na vida e no espaço geográfico, acentuando projetos e práticas desses agentes numa dimensão concreta, funcional e simbólica.

A globalização é um fenômeno decorrente da disseminação de novas tecnologias de informação, que permitem, com maior facilidade, a circulação de idéias, mercadorias, moedas e pessoas em um ritmo bastante acelerado. Nesse sentido, temos ainda a grande disseminação da indústria cultural e circulação de capital, intensificando assim as relações sociais.

Contudo, devemos ainda ressaltar a importância da compreensão do papel das inovações tecnológicas na esfera da produção de bens e serviços, encaminhando uma nova organização social do trabalho e do consumo e criando novos arranjos espaciais que, por sua vez, dão vazão a novas formas de dominação e de apropriação na vida social como um todo. Dentro dessa nova revolução tecnológica, não podemos deixar de fora a biotecnologia, em que a detenção do conhecimento

e do domínio técnico constituem fortes instrumentos de poder, afetando todos os grupos sociais e questões relativas à homogeneização do espaço urbano devido a imposições globais que acabam se refletindo nas cidades e as une na busca também por soluções alternativas em comum. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A formação dos conceitos por parte dos alunos é o que serve de balizador para o ensino, pois ao construir um conceito, o aluno vai confrontar os seus pontos de vista resultantes do senso comum e os conhecimentos científicos, encaminhando-se para uma compreensão que o conduzirá a uma constante ampliação de sua complexidade. (BRASIL, 2006, p. 54).

Por fim, a junção desses conceitos-chave não deve ser entendida como uma simples listagem de conteúdos em que a escola atual estará ligada, mas sim, como um elemento norteador no sentido de viabilizar a interdisciplinaridade na definição das competências e habilidades que devem ser compreendidas pelo professor que disporá de um suporte na aplicação dos conteúdos de Geografia em sala de aula.

3.2 Conteúdos de Geografia das séries do ensino médio

Os conteúdos do ensino médio, de um modo geral, são uma espécie de revisão da matéria trabalhada no ensino fundamental, porém trabalhados de uma forma mais densa, levando em consideração o processo de maturação intelectual e a maior capacidade de captação de informações que um aluno de ensino médio possui.

Os principais conteúdos a serem trabalhados no primeiro ano do ensino médio são relativos à Geografia geral e dão possibilidades ao aluno de uma melhor apreensão da sociedade global e suas interferências no espaço geográfico. São trabalhados temas bem específicos da Geografia como cartografia, população, economia, globalização e introduções a questões geopolíticas, como também partes específicas da geografia física, estrutura interna da terra, recursos naturais e questão ambiental, noções de climatologia, agentes do relevo etc. São temas bem variados, e cabe ao professor buscar formas de integração entre os conteúdos de modo a despertar o interesse do aluno.

Na instituição de ensino Sênior o professor das turmas de 1º ano optou por começar o ano letivo trabalhando eixos como globalização e nova ordem mundial, deixando a parte física para ser trabalhada a partir do segundo bimestre. Segundo ele, tal metodologia é usada devido ao interesse dos alunos de direcionarem-se mais às questões relacionadas à globalização e ao mundo contemporâneo, deixando a parte física para logo após o primeiro contato.

A proposta pedagógica da instituição permite ao professor essa liberdade na definição da ordem dos conteúdos que serão trabalhados, porém, desde que não prejudique o cronograma pré-definido nas reuniões pedagógicas, que ocorrem no início de cada semestre letivo.

Os conteúdos do segundo ano do ensino médio são uma revisão da Geografia do Brasil, e partem da formação territorial brasileira, colonização, divisão internacional do trabalho, até as formas atuais de análise do Brasil no cenário mundial nos contextos econômico, político e social. Temas específicos da Geografia também são trabalhados, como demografia brasileira, indústria, urbanização, espaço rural, energia etc. A dinâmica atual das informações torna muitas vezes o livro didático da edição mais recente desatualizado, sendo que os questionamentos que surgem por parte dos alunos, muitas vezes são relativos à atualidade das diversas questões, algo que o livro didático nem sempre pode fornecer.

O professor do 2º ano optou por iniciar os conteúdos, partindo da formação territorial brasileira, passando pela colonização e seus reflexos na Geografia do Brasil, enveredando pelo eixo temporal histórico, para um melhor entendimento dos alunos, principalmente nos conteúdos que se relacionam com a questão histórica no Brasil.

No terceiro ano, são trabalhados prioritariamente a geopolítica mundial, a partir do Congresso de Viena, passando pelas 1ª e 2ª Guerras Mundiais, Guerra Fria e seus principais acontecimentos históricos, descolonização africana e asiática, blocos regionais e a nova ordem mundial e apanhados gerais sobre os principais acontecimentos do século XX e XXI em todos os continentes.

É interessante garantir ainda um espaço suplementar na carga horária da disciplina para uma revisão do conteúdo referente à Geografia do Brasil. Percebe-se que muitos alunos necessitam rever alguns conteúdos trabalhados em anos an-

teriores. Isso se torna patente quando nos lembramos da distância do 2º ano e o vestibular, ao final do terceiro ano. Nos processos de seleção para o ingresso no ensino superior, constata-se um alto índice de questões relativas à Geografia do Brasil. Para superar esse problema, a escola oferece uma aula extra por semana sobre Brasil, na grade horária aos alunos do 3º ano.

A aplicação dessas opções didáticas, originadas principalmente da experiência que os professores adquiriram ao longo da carreira, aliada à relativa autonomia dada a eles por parte da coordenação pedagógica, em geral, tem mostrado resultados satisfatórios. O que é perceptível pela boa postura dos alunos em sala durante as aulas de Geografia e nos resultados de suas avaliações.

4 As experiências do ambiente escolar

O ambiente escolar sociointeracionista possui características pedagógicas diferenciadas e importantes que buscam proporcionar aos alunos um espaço favorável ao seu desenvolvimento.

Nesse sentido, a escola optou por um horário incomum de início das aulas, que começa uma hora mais tarde em relação às escolas convencionais, carga horária que é compensada com aulas à tarde em dois dias na semana.

Em sala de aula, a disposição das carteiras dos alunos tem um formato que permite ao professor movimentar-se mais facilmente, propiciando uma proximidade maior entre o docente e os alunos. Existem apenas duas fileiras que acompanham as laterais e o fundo da sala, deixando o centro livre. Na estrutura física da escola, percebem-se algumas das bases da abordagem sociointeracionista presentes, principalmente nos espaços que permitem a interação entre os estudantes, como é o caso da sala de estudos que, na verdade, é um espaço aberto, que dispõe de carteiras e livros à disposição dos alunos, inclusive fora do horário das aulas. Existem também duas bibliotecas, sendo uma tradicional e outra comunitária em que os alunos têm acesso livre, como também podem doar e participar da curadoria do acervo.

A escola oferece aos alunos a oportunidade de participarem de projetos e minicursos relacionados a temas variados como: Introdução ao Direito, Áudio e

Vídeo, Espeleologia, Dança de Salão, Introdução à Veterinária, Oficina de Textos, Teatro, Técnicas Verticais etc. Essa oferta variada pode desenvolver interesses e capacidades diferenciadas nos alunos, além de promover a interação entre as diferentes séries. Ao final do semestre letivo, são apresentados os resultados desses projetos aos professores e participantes da comunidade escolar, além de também valerem como um componente a mais na avaliação dos alunos.

É importante salientar o incentivo que a instituição dá a atividades culturais, seja oferecendo o espaço físico da escola para a realização de eventos culturais como shows e conferências ou oferecendo aos próprios alunos a oportunidade de utilizarem-se do ambiente escolar para a realização de suas próprias orientações artísticas.

Embora os conteúdos ministrados em sala de aula, por uma exigência da própria sociedade, ainda estejam muito ligados ao vestibular, a escola oferece amplas oportunidades para o desenvolvimento de atividades voltadas para a formação integral.

5 A experiência da prática pedagógica

A oportunidade de termos, durante a trajetória acadêmica, a experiência de sentir o ambiente escolar e realmente participarmos dele é relegada basicamente ao cumprimento da carga horária referente ao estágio curricular supervisionado ou a alguma oportunidade de estágio remunerado em instituições de ensino privado.

Algumas questões merecem ser abordadas em relação a essa parte acadêmica curricular responsável pela aprendizagem prática do que é necessário para que um futuro licenciado em Geografia possa realmente se tornar um professor e conseguir exercer o ofício da melhor forma possível.

Em relação ao estágio curricular supervisionado obrigatório, além de todas as questões teóricas relacionadas à complementação da formação do licenciado em Geografia, e em relação à parte da experiência em sala de aula, torna-se fundamental que o professor responsável por aceitar o estagiário seja realmente um profissional preparado e também disposto a transmitir suas experiências e vivências ao acadêmico. Sabemos que nem sempre isso ocorre, podendo acontecer totalmente,

parcialmente ou não acontecer pelos mais diversos motivos, que vão desde a questão da qualidade do ensino brasileiro e de seus professores até o tipo de instituição escolhida para realização do estágio ou até mesmo por questões particulares em relação ao andamento do estágio. No caso específico desta experiência, houve uma colaboração total dos três professores regentes de Geografia participantes.

A instituição estudada neste artigo trabalha com dois professores em sala de aula: um regente (em geral mais experiente) e outro assistente. Portanto, a título de definição de papéis, cabem ao professor regente as principais atribuições em sala de aula, como a própria condução e definição de como será o andamento das aulas juntamente com as escolhas das formas didáticas que serão utilizadas na transmissão dos conteúdos. São atribuídas ao professor assistente funções de auxílio aos alunos durante o andamento das aulas, como tirar dúvidas, informar sobre o cronograma da disciplina, e de auxílio ao professor regente em questões como correção de trabalhos e provas, além de plantões na escola em horários extracurriculares.

As diferenças mais relevantes entre professor assistente e estagiário se dão, principalmente, no fato de que a figura do professor assistente é um enquadramento no projeto pedagógico, diferentemente da função do estagiário. Desse modo, ao assistente é dada a possibilidade de um contato mais amplo com o profissional mais experiente, juntamente com uma maior autonomia na instituição de ensino, pois ele faz parte da estrutura pedagógica, o que facilita o trabalho e aumenta as possibilidades de um contato mais próximo com a realidade que o professor de Geografia encontra na vida profissional.

A rotina de trabalho pode ser definida da seguinte forma: são três os professores regentes, cada um em uma frente, 1º, 2º e 3º anos, ministrando suas aulas. São acompanhados pelo professor assistente. A sala de aula possui uma mesa e cadeiras para ambos, o professor regente coordena o andamento da aula, utilizando-se do assistente quando lhe for conveniente. Durante as aulas, os alunos podem pedir a presença do assistente em suas carteiras para tirar dúvidas, diminuindo interrupções na explanação do professor regente, da mesma forma podem pedir autorização para se retirarem de sala etc. Alguns professores podem planejar suas aulas em conjunto com o assistente ou pedir-lhes que preparem aulas sob sua orientação. É importante salientar a oportunidade enriquecedora dessa experiência, bem como o que ocorre no estágio supervisionado.

Em relação ao tratamento que a instituição de ensino concede aos professores, é interessante salientar a confiança que existe entre a coordenação pedagógica e o corpo docente quanto à forma da estrutura da aula e à formulação dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos. O professor tem uma relativa autonomia em relação a essas questões, o que, sabe-se, muitas vezes não é o que encontramos em instituições de ensino particulares, principalmente nas redes de ensino maiores, em que os conteúdos já possuem delimitações de tempo a serem trabalhados e até mesmo formas pré-estabelecidas de abordagens. A escola procura trabalhar com profissionais com larga experiência, sabendo realmente com que tipo de profissionais está lidando, estreitando as relações entre coordenação pedagógica, direção e corpo docente, levando em consideração as opiniões dos alunos em relação à qualidade das aulas para o controle da qualidade do ensino. Tudo isso acontece juntamente com uma análise dos resultados obtidos pelos alunos durante o ano letivo e nos vestibulares.

Em relação à didática adotada pelos três professores regentes, devido às peculiaridades de cada um dos profissionais, será abordada separadamente. O professor do primeiro ano procura trabalhar seus conteúdos principalmente utilizando-se das aulas expositivas. Procura abordar bastante o livro didático e aproveita seus exercícios, quando sobra algum tempo durante as aulas. Em relação aos conteúdos, ele achou interessante iniciar o ano trabalhando questões relativas ao mundo globalizado e contemporâneo, que, segundo ele, são aceitas de uma forma melhor pelos alunos em relação à parte de Geografia física, facilitando, assim, o primeiro contato com os alunos provindos do ensino fundamental, sendo essa relação empática importante em uma boa condução do trabalho durante todo o ano.

O professor do segundo ano procura trabalhar seus conteúdos basicamente com aulas expositivas, juntamente com a utilização de recursos audiovisuais, principalmente documentários, sempre que possível, procurando ilustrar os temas, uma vez que essa linguagem é bastante aceita pelos alunos, obviamente, quando a escolha dos documentários é feita com cuidado, levando-se em conta o fato de serem adolescentes. Ressalte-se que a linguagem do documentário precisa ser dinâmica e capaz de atrair a atenção.

As variações entre aulas expositivas, apresentação de documentários e, em algumas ocasiões, aplicação de estudos dirigidos ao final dos conteúdos, tornam

as aulas mais dinâmicas e menos padronizadas. Essas práticas são bastante aceitas pelos alunos, o que pode ser percebido pela participação ativa deles.

Na escolha dos conteúdos, o professor do 2º ano procura utilizar-se do livro didático apenas como referencial, já que dificilmente uma única obra é tão completa a ponto de apresentar todas as informações sobre os diversos conteúdos. Portanto, o professor busca, em variadas fontes de pesquisas, informações enriquecedoras, principalmente em relação às questões históricas que, muitas vezes, são relegadas em algumas obras de Geografia, bem como utilização de revistas na busca por informações mais atualizadas, quando necessárias ao assunto da aula.

Na aula relativa às conseqüências da urbanização brasileira, por exemplo, o professor trabalhou um documentário intitulado *Falcão – os meninos do tráfico* que, de uma forma bastante forte, reflete parte dos problemas relativos às conseqüências da urbanização acelerada no Brasil. A aceitação dos alunos foi muito boa; isso foi percebido pelo nível de questionamento que o filme gerou, e que, bem conduzido pelo professor, pôde desembocar em ótimos resultados na assimilação do conteúdo.

O professor do terceiro ano é o mais experiente da cadeira de Geografia da escola, e sua didática, comparando-a com a dos outros dois professores, é bastante particular. Ele trabalha seus conteúdos utilizando-se de esquemas aliados a tópicos; à medida que a aula evolui, vai colocando os tópicos e, em seguida, preenche-os no quadro-negro. A forma com que o professor expõe a matéria é bastante delineada, sendo que as informações são passadas clara e pausadamente, fazendo uso de uma boa dicção e de um tom de voz adequado. É importante salientar a postura que o professor mantém em sala, procurando uma boa interação com os alunos, buscando manter o ambiente agradável e descontraído, por meio de situações em que utiliza bastante sua expressão corporal, juntamente com frases de efeito, na tentativa de manter a atenção da turma e diminuir a conversa em sala.

Em relação à complementação dos conteúdos, o professor procura ilustrá-los por meio de documentários relevantes ao tema das aulas, músicas com letras adequadas, ora por meio de apresentação de clipes ou até mesmo fazendo uso

do violão e cantando-as para os alunos, que aceitam muito bem tal metodologia. Outra coisa interessante sobre esse professor é a sua capacidade de aliar o conteúdo da Geografia a outras matérias, quando possível, principalmente à Matemática e à Literatura.

Na aula referente às regiões brasileiras, o professor procura mostrar letras de músicas originárias de regiões que contemplem as características mais peculiares daquelas e acaba tocando-as para os alunos, que em geral mostram interesse. Outro exemplo, quanto à matéria relacionada à parte da Doutrina Bush, referente à aula sobre os Estados Unidos, o professor termina a sequência de aulas apresentando um documentário chamado *Fahrenheit 11 de setembro*, que contém as ideias principais referentes ao tema, e que tem uma ótima aceitação por parte dos alunos.

Apesar dessas experiências bem sucedidas, é perceptível a característica que o ensino de Geografia acaba tendo no contexto escolar de se tornar a disciplina que trata do presente e em que o professor fica responsabilizado por estar informado sobre todos os diversos assuntos locais, nacionais e globais. O problema muitas vezes é que esses assuntos não fazem parte do que é realmente a Geografia. Saber identificar a geografia dentro dessas notícias vinculadas pela mídia é o que pode ser feito pelo professor, mas muitas vezes não é perceptível aos alunos.

O grande desafio para o recém-formado é operacionalizar os conteúdos teóricos que foram assimilados na academia, adequando-os ao nível de aprendizagem dos alunos e às demandas curriculares. O apego a dados, estatísticas e classificações é algo bastante presente no contexto escolar, o que pode ser percebido ao se verificar os livros didáticos de Geografia. Tais informações são fundamentais, porém é importante que o aluno saiba em que contexto elas podem facilitar o entendimento dos processos formadores do espaço geográfico e suas consequências sociais, ambientais, etc.

Obviamente o vício de se relacionar Geografia a informações estatísticas – talvez motivado pela falta de conceitos corretos acerca do que realmente é a função da ciência geográfica, o que pode ser uma herança da Geografia clássica – é algo que passa também pela própria questão dos vestibulares e suas formas de avaliação, visto que buscam selecionar.

A principal função dos conteúdos nas diversas disciplinas na escola acaba sendo apenas dar suporte para que o aluno possa conseguir obter êxito durante o vestibular, sendo que até a programação e a forma com que esses conteúdos serão trabalhados durante o ano, funcionam de acordo com esse objetivo. A escola acaba tendo como exemplo de sua eficiência e referência quanto à qualidade de seu ensino a porcentagem de alunos que consegue entrar na universidade pública em seu quadro de alunos. Fato esse que reflete o tipo de formação educacional que a sociedade contemporânea valoriza, com altas qualificações técnicas, geradora de resultados e produtora de inovações e pouca reflexão.

6 Conclusão

A experiência escolar é algo que pode e deve ser teorizado e debatido durante toda a jornada acadêmica, ao passo que o impacto dos primeiros contatos com o contexto escolar pode também trazer novas informações ao estudante ou profissional. O resultado do encontro entre suas capacidades pessoais e a realidade a que precisa se adaptar proporcionará a ele a capacidade de aplicar o que aprendeu, descobrir o que não assimilou e, em virtude disso, utilizar pesquisas e estudos contínuos – principalmente, levando-se em consideração a dinâmica que requer o estudo contínuo da Geografia – na busca pelo aperfeiçoamento profissional.

Pela grande amplitude de habilidades que um professor precisa desenvolver em sua profissão, matérias ligadas ao desenvolvimento humano e a psicologia da educação podem dar um importante suporte ao estudante em sua formação. Portanto, devem ser valorizadas nos currículos de formação das licenciaturas.

Outro fator percebido durante a experiência foi a importância do auxílio que o contato com outros profissionais pode proporcionar ao recém-licenciado; essa troca de informações pode, sem dúvida, ajudá-lo a queimar etapas e adiantar o processo de adaptação ao contexto escolar e à realidade vivida pelo professor de Geografia atualmente.

A Geografia no contexto escolar acaba sendo a ciência que possui a função de “mostrar” e explicar o mundo aos alunos. E, ao passar essas informações, o professor de Geografia precisa distinguir, dentro da quantidade enorme de informa-

ções existentes na atualidade, fontes confiáveis ao mesmo tempo em que também precisa saber utilizar recursos que o possibilitem encontrá-las, e orientar seus alunos quanto à importância dessas fontes da informação de suas leituras e pesquisas.

A importância do planejamento meticuloso das aulas pelos professores foi algo considerado fundamental observado durante o andamento deste trabalho. Sua antecedência se torna parte da rotina no processo de realização, e faz parte do cotidiano do professor. As melhores aulas observadas foram as que tiveram um bom planejamento, que leva em consideração até mesmo possíveis imprevistos que podem acontecer durante a realização da aula ou atividade planejada. É preciso que o aluno entenda claramente o que se é proposto e o que o professor espera dele.

São muitas as variáveis que determinam o sucesso de uma aula de Geografia, e existem diversas formas de se construir e conduzir essa aula. Contudo, é necessário, dentro dessas possibilidades, um contínuo comprometimento do profissional em tornar esses momentos realmente úteis, fazendo com que os alunos percebam o que é Geografia e para que serve essa ciência, da mesma forma com que enxergamos isso durante a jornada acadêmica.

A responsabilidade que essa profissão requer para que seja exercida corretamente ultrapassou minhas expectativas como estudante. Do professor é sempre esperada uma posição adequada nas mais diversas situações em sala de aula (principalmente por parte dos alunos); daí a importância do comportamento maduro do profissional. Um comportamento ético e uma boa postura nas relações interpessoais no ambiente escolar são uma obviedade que não pode ser esquecida quando se escolhe esta profissão.

Ao observar o ensino de Geografia sendo posto em prática por diferentes profissionais, é gratificante perceber a utilidade que tal ciência tem em oferecer ao indivíduo a possibilidade de possuir um “olhar geográfico”, contribuindo na construção de uma sociedade que consiga enxergar suas contradições de forma mais nítida. O desafio do professor (no meio dos imensos conteúdos programáticos) é fazer com que o aluno perceba que as transformações no espaço geográfico, seus significados e conseqüências, têm relação estreita com sua vida.

The teaching of Geography in secondary education: an experience in approach social-interactionist

Abstract:

This article presents the results of observations and analysis done by a Geography undergraduate student during his experience in a remunerated internship in an private educational institution which operates by employing the social-interactionist approach as the main guide to its pedagogical structure. The active participation of students will be used in this work and will be recorded in this article, its main perceptions to participate in a geography in high school class with more experienced professionals, who work at the institution examined. So this is not a job search that define or establish educational teaching methodologies, but capturing and register the impressions of a student embarking on their professional journey, confronting them with the reality of the school environment.

Keywords: Education. Geography. Social-interactionist.

Referências

BECKER, Fernando. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 2006. v. 3.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. *Psicologia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. *Vigotsky e o desenvolvimento humano*. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>> Acesso em: 18 maio 2008.

VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 2001.

_____. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2001.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: M. Fontes, 2000.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 1987.